

MOSCOVICI, Serge – *A Máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

Elvea Elena Jiménez M.
Doutorando em Sociologia, Flacso – UnB

A discussão sobre a explicação dos fenômenos sociais a partir de causas psicológicas e sociológicas é o tema central de Moscovici. O autor se remonta à teoria analítica para repensar os fenômenos sociais nos quais o homem tem estimulado realizações políticas, econômicas, religiosas e culturais, através das paixões e do caráter subjetivo. Esta linha é seguida por autores como Marcuse, Gerard, Gessain e Enriquez, entre outros.

Existe uma opinião comum que toma a sociologia como a rainha das explicações sociais e daí a censura que se faz aos elementos psíquicos, conhecidos como “psicologismos”, que tanto embaraço causam à ciência. Para Moscovici as teorias sociológicas só descrevem e prescrevem, mas não explicam. Nesse caso as explicações seriam de ordem psicológica ou de ordem econômica e caberia uma possibilidade combinar ambas.

O importante é a força essencial do homem, traduzida em paixão, que vai em direção a seu objeto, chame-se carisma, sacrifício, eferescência, comunidade ou revolução. Para explicar o autor procura as raízes e faz um interessante levantamento sobre o significado da religião na origem da sociedade (baseia-se na obra de Durkheim), tomando como exemplo o Totemismo, que considera a natureza e o indivíduo como forças religiosas.

Para Moscovici interessa ressaltar com essa pesquisa que não existe sociedade sem religião. A sociedade sem religião foi imposta pela Revolução Francesa, mas a sociedade perdura por causa das crenças e dos ritos sagrados. Antes de ser um dogma, a religião é uma paixão e um ardor que reúne os fiéis. Não sendo assim, como se explicaria o fato de milhões de pessoas seguirem o Papa. Torna-se difícil eliminar o elemento “irracional”. Nesse sentido, parece que a ciência ainda não tem conseguido “dispensar” os deuses e criar um substituto para a religião.

No entanto, assistimos à “morte de Deus” em duas etapas: colocando-o fora do mundo e dos negócios humanos, despojando-o de suas forças mágicas e da sua autoridade para que possamos “dominar o mundo e conduzir os negócios conforme nossa vontade”; logo em seguida surge a razão, o “desencantamento com o mundo”, como expressa Weber.

Uma forma de abordar a questão do indivíduo na sociedade é

através da psicologia das massas desde o ponto de vista durkheimiano, que afirma que o indivíduo em grupo atua diferente do que faria se estivesse isolado; quando se associam, ou se combinam, transformam-se, invadidos pelas emoções. Para Durkheim, que inverte a psicologia das multidões, as massas são incapazes de criar na arte e no pensamento, mas são capazes de criação intelectual e religiosa, e de reunir um ideal. Moscovici concorda com esse ponto e agrega a “possessão” como o que produz no indivíduo a metamorfose do ser individual em ser coletivo. Também reúne, estimula e aproxima os desejos individuais das necessidades sociais que o mundo da razão distancia.

Um aspecto interessante é a observação do autor, coincidente com as conclusões decorrentes dos debates sobre a modernidade, sobre o que ele chama de “cultura da melancolia”, característica das sociedades modernas resultantes da preocupação de secularizar as crenças, racionalizar a economia, a administração e o combate às emoções e as paixões por um interesse que conduz o indivíduo a uma vida egocêntrica e isolada. Estas considerações são colocadas com maior profundidade quando Moscovici aborda a racionalidade produzida pelo papel do dinheiro na sociedade atual, partindo da obra de Simmel, na qual uma troca da qualidade por quantidade (o que perfila a modernidade) tornando-a uma sociedade mais racional e moderna que, por sua vez, impõe um caráter impessoal às relações pessoais. O dinheiro cria uma “ambigüidade e uma violência particulares que impregnam o meio social inteiro”. Mas esse assunto é colocado como uma forma de “participar da vida pública” e não como vontade de “se isolar e de se defender contra a invasão da vida privada”.

Moscovici faz uma reintegração de Durkheim com respeito a sua posição “hostil” contra a psicologia. Durkheim sempre se esforçou por demonstrar que a sociedade é superior aos indivíduos que a integram e formam uma consciência coletiva, e interpretou o resultado externo unitário como resultado de “um processo psíquico unitário que se desenvolve na consciência coletiva objetiva”. Opõe, assim, a sociologia à psicologia individual. “O todo da sociedade nem se reduz, nem se explica por suas partes”, daí, a “realidade social ser irredutível à realidade psíquica”.

No entanto, quando busca a dimensão psicológica, Moscovici encontra no próprio Durkheim uma equação da sociologia com a psicologia coletiva que Durkheim sempre teria procurado: uma psicologia que comporta sua visão total da sociedade. O autor afirma que o caminho para a sociedade lhe faz encontrar o caminho para a psicologia.

O outro autor do qual Moscovici retira elementos para as suas fundamentações psicológicas da sociologia é Max Weber. Analisa a *Ética Protestante...* como uma psicologia, de onde derivam importantes implicações sobre a complexidade psicológica da sociedade mo-

derna, na qual o homem deve renunciar a qualquer satisfação que vier da riqueza, da arte, dos sentidos, existindo apenas em função da sua profissão. Esse caráter de “sublimação” (apóia-se em Freud para sublinhá-lo) tem suas marcas no puritanismo e na cultura capitalista. O seu argumento dirige-se à criação de um novo tipo psicológico humano que toma corpo com profundidade a partir dos movimentos puritanos e da criação do capitalismo que, para conquistar uma forma econômica, precisaram incultar disciplina, com tudo o que a palavra implica (controle, ascetismo, etc). A finalidade disso seria “uma personalidade no sentido formal e psicológico do termo”. O indivíduo aprende, então, a ser apaixonadamente racional e impessoal.

Moscovici discute com Weber e critica-o por tentar disfarçar o assunto da psicologia e negligenciar voluntariamente a discussão no sentido científico-técnico da palavra. No entanto, termina afirmando que Weber aceita a psicologia. Se os fatos são sociais, as causas são psíquicas. Aliás, Weber fornece-lhe a trama de suas narrativas e as respostas sobre os indivíduos que coloca em cena.

Simmel é o outro autor em que se apóia Moscovici para determinar o elemento psicológico, ao considerá-lo como um dos primeiros teóricos da psicologia social. Para Simmel, é com a psicologia, e não contra ela que se deve estabelecer uma nova ciência da sociedade. Esta tese é considerada por Moscovici como original, enquanto adota uma via intermediária “desmontando as engrenagens das relações entre o individual e o coletivo” e na medida em que considera a sociedade não como um todo anterior ou exterior às relações entre os seus membros: mas que se desenvolve ao mesmo tempo que eles. A psicologia explicaria a gênese dos fenômenos sociais. Têm um caráter subjetivo a partir das interações dos indivíduos onde se deve incluir “os pequenos fatos” e as “transações mais fluidas” em uma contínua cadeia. Isso amplia o domínio da sociologia, invertendo a hierarquia a favor dos elementos menos ordenados sobre as instituições, por que o indivíduo poderá, assim, alcançar suas faculdades, consciência, vontade, motivações. Moscovici retoma isto para colocar que as relações recíprocas mobilizam representações sociais cujas noções e imagens filtram os motivos, os desejos e as preferências, retendo apenas o que se pode trocar e partilhar. A vida social empírica estaria “no contato diário, no vaivém dos homens que se deslocam, trabalham, se atropelam... etc.” A sociedade existe onde “o indivíduo é real, portanto, essa visão exige uma explicação psicológica dos fenômenos sociais. O indivíduo é sujeito e objeto da sociedade.

No percurso da obra, Moscovici tenta demonstrar o significado que tem o indivíduo como contedor de energias e motivações. Refere-se à potência das idéias – que exigem certo estado psíquico para serem

concebidas – que atua como for para nos associar (modificar sentimentos e condutas) aos processos de inovações que se dirigem do interior para o exterior, como criação e não como evolução, o que levaria a igualar fatores psíquicos a sociais. A energia vincula-se, por outro lado, com o “carisma” enquanto aponta para o estado singular da efervescência e representa os “dons extraordinários e as forças, fora do comum, indispensável para vencer as inércias e as indiferenças e compreender o carisma como uma força emocional com poder para realizar e sair do real imediato”. Tal força se libera nos momentos de crise de tensão, quebrando os hábitos e trazendo uma novidade. Mas aqui coloca-se um outro carisma que é o poder que direciona as paixões com fins políticos ou por vocação religiosa; aquela qualidade que atrai os outros e que atua sobre eles. Nesta colocação estão presentes os aspectos de fé, de legitimidade, de reconhecimento, de racionalidade e os problemas de sucessão.

No meio das considerações sobre as energias e as emoções dos indivíduos, o autor tem uma posição crítica sobre a pós-modernidade. Reclama por uma sociedade com valores que não sejam impostos mais, sim, acentuados pela própria cultura, fazendo novos homens. Eis o porquê de a *Máquina de fazer Deuses*, que parece ser a saída, por ele encontrada, para os efeitos destrutivos do indivíduo racional que tem abandonado as paixões, em uma sociedade que parece construir robôs, mostrando com isso uma certa saudade do passado.